

A DEMARCAÇÃO DE NOVAS TERRITORIALIDADES NO ENSINO DAS PROFESSORAS AGRO-RURAL: UM EXEMPLO DE PERSISTÊNCIA NO INTERIOR DO NORDESTE BRASILEIRO

Luciano Esteves de Jesus¹
José Wellington Rodrigues Bomfim²
Ademario Alves³
Alberlene Ribeiro⁴

RESUMO

As atividades docentes por si só não são tarefas fáceis. Requer apresto, compromisso, estabilidade emocional para dar conta dos dilemas que envolvem as atividades de professor. É exatamente assim que vivem as professoras dos povoados rajas, lagoa da volta, ambos, no município de Pinhão, Estado de Sergipe, e Maritá, povoado pertencente ao município de Paripiranga, Estado da Bahia. Os objetivos são expressos na tentativa analisar como é passado o ensino de Geografia em condições mínimas possíveis, além de procurar entender como vivem os professores pelo interior do Brasil. A pesquisa desenvolve-se a partir das observações destes personagens reais da rotina interiorana, pauta-se nas entrevistas seqüenciadas por um roteiro metodológico definido, o qual leva em conta também as experiências semelhantes ocorridas noutras regiões do país. Parcialmente, um resultado já pode ser encontrado, tomando como referência as observações do cotidiano das professoras agricultoras. A educação é apenas um meio para a cidadania. Finalmente, o exemplo majestoso de quem, pela dureza da

¹Pós Graduado em Docência Pedagógica para o Ensino Superior pela Faculdade José Augusto Vieira-FJAV, Pós Graduando em Gestão e Educação Ambiental pela Faculdade José Augusto Vieira, Graduado em Licenciatura em Geografia, participou do Projeto Adote um Manancial pela Universidade Federal de Sergipe como estagiário . Atualmente trabalha como professor da Escola profissionalizante Microlins.

² Pós-graduando em Gestão e Educação Ambiental na Faculdade José Augusto Vieira. Técnico em Edificações pelo CEFET/UNED/Lagarto. Estagiário e Bolsista do Projeto Adote um Manancial pela Universidade Federal de Sergipe. Além de acadêmico, atualmente trabalha com levantamento topográfico em áreas rural e urbana.

³ Professor Titular das disciplinas Iniciação a Ciência Geográfica humana e de sergipe. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe.

⁴

Pós-Graduanda em Gestão e Educação Ambiental pela Faculdade José Augusto Vieira, graduada em licenciatura em geografia pela FJAV, e em pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú-UVA Atualmente leciona no município de Poço Verde na rede publica estadual.

vida, aprendeu mais a agir do que falar e é isto que fundamenta a certeza de como as professoras agricultoras lidam com as dificuldades comuns a quem vivem pelos sertões do nordeste brasileiro.

Palavras-chave: professora, agricultora e docência

Desarrollo rural y la cuestión agraria

INTRODUÇÃO

A educação desenvolvida nas áreas rurais de um país com as características do Brasil, comumente é realizada por pessoas simples. Esta simplicidade está circunscrita de forma evidente na maneira pela qual a sociedade está organizada a partir do ponto de vista do enquadramento das pessoas nas categorias, que os estudiosos definem como classes e, mais radicalmente, castas. É exatamente a partir desta definição que a pesquisa é conduzida.

A educação posta em prática no campo de forma sistemática precisa de alguns atributos como: escolas, corpo discente, corpo docente, recursos diversificados, feito livros, mesa para assento, mapas, cartas temáticas, diários, apagadores quadro-negro, TV, aparelhos de som, áreas de recreação para as crianças, áreas para a prática de esportes como quadras pistas de atletismo. A escola formalmente estabelecida em qualquer meio rural deve-se apresentar tais características mínimas e simplificadas. Mas não é essa a realidade de escolas brasileiras urbanas, que a comunidade pode acompanhá-la mais de perto e exigir que os recursos mínimos existam, imaginem agora no meio rural, onde distante dos centros de pressão social, as escolas são quase espaços de abandono e representam apenas as condições materiais da comunidade e dos que nela exercem suas funções. É nessa escola que estão os professores que nós procuramos.

A procura de uma resposta acadêmica para a explicação de tanto abandono ao mesmo tempo em que se vislumbra tanta fonte de esperança constitui-se não apenas numa tarefa acadêmica, mas numa simplificada missão que ajuda também a alegrar os espíritos daqueles que lidam com as questões voltadas a educação em nosso país. Assim é posto em prática esta idéia. Apesar de conceber alguns

conceitos clássicos, ela não deixa em dúvida a necessidade de ir adiante ao exame claro da situação a que estão submetidos nossos mestres, que cuidam das nossas crianças nos rincões de nosso país, visto que tal realidade ainda é preponderante no Brasil rural do século XXI. (Veiga, 2005)

Nota-se que fazer a educação formal acontecer, no sentido de buscar resultados satisfatórios, é tarefa complexa, difícil e que não pode de forma alguma ser praticada por qualquer um, reflita-se a situação das professoras primárias do interior do Brasil, que no mais inaceitável abandono, realiza um trabalho grandiloqüente e quase inacreditável em meio a tanta miséria, desestímulo e abandono por parte do poder público. É a realidade de nossas mães professoras, de nossas jovens professoras, de nossas irmãs, amigas ou simplesmente de nossas mulheres que adentram nos interiores do Brasil para levar cidadania e esperança ao povo, onde, muitas vezes, elas próprias sentem na vida o resultado deste abandono.

O TRAJETO DAS PROFESSORAS

Nota-se que ainda não amanheceu. Elas pegam seus livros⁵ e tomam a estrada, solitárias, em dupla, em trio, no máximo, pois residem distantes umas das outras. Pelo caminho, são acompanhadas por algumas crianças que ou são seus alunos ou são alunos de suas colegas de profissão. Acontecem, na maior parte das vezes, delas receberem a companhia também de mães, pais, irmãos e pessoas da comunidade; ai vão conversando, informando-se das notícias que correm pela comunidade. Às vezes, quem se despede primeiro são elas – as professoras – outras vezes, são suas companhias. Se primeiro são suas companhias, elas assistem a rotina dos atos humanos⁶ de seu cotidiano indo ao trabalho. De outra forma, elas testemunham os movimentos, incomuns para nós, dos trabalhadores rurais. Eles abrem as porteiras, passam silenciosos, caminham e dão um até logo marcante. Quando não há uma porteira, elas passam por entre os arames farpados,

⁵ Observa-se que muitos destes livros já estão ultrapassados, mas elas o conduzem como que livros jamais se jogam fora.

⁶ Por atos humanos devem ser entendido alguns rituais das pessoas que residem nos interiores mais afastados dos centros urbanos. A rotina diária de passar por entre os arames farpados parece fácil, contudo não é! Mas, as pessoas que precisam fazer isto diariamente o fazem com tanta agilidade que dificilmente alguém sem esta prática fará. Só para se ter uma idéia, pessoas com mais de sessenta anos passam por entre os arames com uma sincronia que chama atenção pela postura e na maior parte dos casos sem quaisquer incidentes.

quantas vezes sofrem acidentes! E seguem firmes ao trabalho. É uma distância minuciosa do poder nos seus entrelaçamentos mais óbvios, diria Foucault (1998).

As professoras continuam sua caminhada. Quando a escola é próxima não chegam suadas e cansadas. Ali esperam os alunos: uns chegam logo, outros caminharam alguns minutos, pois suas casas não são próximas. Mas há aqueles que não residem próximos da escola, por vezes andam quilômetros e, quando chegam à escola, estão cansados e, na maior parte das vezes, famintos. É quando as professoras chamando o nome de cada um deles abraçando-os, perguntando pelos pais e aceitando que eles façam seus lanches antes mesmo de iniciarem as atividades escolares.

A busca pelas idéias não costuma ser fácil. Nem sempre a escola está localizada próxima a casa do professor. Isto quando eles não residem nas sedes municipais e chegam à escola nos mesmos transportes dos alunos. Na localidade que serviu de base para este trabalho, havia as duas situações: professores que moravam próximos da escola e chegavam a pé, professores que moravam nos povoados próximos, que não tinham escola, e professores que residiam nas sedes municipais, geralmente com uma condição de vida melhor – pelo menos na aparência. Os professores que residiam nas sedes municipais, geralmente, por perseguições políticas acabavam por lecionar nos povoados. Para estes a situação também não é das melhores, visto que sofrem o descaso do poder municipal e, por vezes, a indiferença dos pais dos alunos, que, por medo de retaliação, os tratam com desprezo e, às vezes, são enfaticamente perseguidos por cabos eleitorais que também são pais de alunos.

Os professores que se acordam cedo e logo pegam no batente - como eles costumam definir o verbo trabalhar – definitivamente não tem uma vida com qualquer facilidade. Isto pode ser percebido pela dureza da vida que o dia testemunha para quem puder observar. Pela manhã saem para a escola como já fora enfatizado. À tarde estão trabalhando na roça, como bem definiu uma professora de 22 anos. “Minha vida não é fácil. Assim que me acordo, faço o café, dou de comer os meninos – são três lindos filhos – e, em seguida deixo as coisas deles arrumadas para a escola, quando chega o meio dia, assim que chego da escola, sirvo a comida ao meu marido, que mal chega da roça e logo já está de saída, almoço o que tenho, pego a enxada, quando é tempo de aparar o mato,

arrancar topos de árvores, quando não, pego o milho, o feijão, e planto. Essa é minha rotina durante todo o ano.”

O trabalho na roça não é um trabalho simples de fazer para as professoras. A maior parte delas são mães que enfrentam a dificuldade de (ao irem trabalhar) não terem com quem deixar os filhos. A alternativa que lhes resta é levá-los ao trabalho, o que acabam também fazendo com que eles, na companhia dos pais, acabam também por trabalhar nas atividades rurais. Entretanto, percebe-se que algumas professoras têm uma jornada diária de 12 horas de trabalho fora de casa. Se for levado em consideração o trabalho doméstico, algumas chegam a trabalhar 18 horas por dia.

Nota-se, com base nas informações coletadas, que a rotina de praticamente todas as professoras-agricultoras, alvo desta pesquisa - com exceção daquelas que informaram o estado civil como solteira e sem filhos, que não é uma tarefa fácil. No geral, a rotina é a seguinte: levantam-se às quatro horas da manhã, às seis horas já estão no caminho da escola; as sete na sala de aula; às 12h15min chegam a casa; às 13h30min saem para a roça de onde só chegam a casa às 17h45min; trabalham até as 20h00min, quando põem o jantar e dão banho nos filhos; em seguida, arrumam a casa e, quando estão prontas para irem dormir – completamente casadas, exaustas, já se aproxima das 23h30min. Isto quando elas não chegam as 24h00min. Vão dormir e recomeçam tudo nos mesmos horários no dia seguinte.

O TRABALHO NA SALA DE AULA

As professoras-agricultoras não têm um trabalho fácil, ainda que apenas professoras o desempenho das tarefas docentes lhes exigem trabalho árduo. A começar pelas condições materiais das escolas. Na maior parte das vezes, as escolas onde elas trabalham não oferecem condições mínimas. Falta tudo. As escolas do povoado Maritá, aquelas que ainda funcionam, funcionam de maneira tão precária, que se chega a pensar se servem para alguma coisa. As instalações são inadequadas de um modo em geral, o banheiro praticamente não existe, há um espaço que funcionários e alunos utilizam. A situação ainda é pior para as meninas visto que sem condições de uso, muitas resistem a fazer suas necessidades orgânicas o que acabam por contrair doenças ao longo da vida. O banheiro funciona

quando alguém da comunidade, um pai de aluno ou o marido de alguma professora faz alguns reparos para poder utilizá-lo.

As cozinhas de todas as escolas são deploráveis. Na maior parte do ano, não há merenda escolar. Quando acontece de haver a merenda, o que se nota em alguns povoados é o completo descaso. Não há uma seqüência das refeições, se as crianças almoçam na segunda, na terça não; se almoçam na quarta, quinta e sexta não sabem o que é almoçar. No sábado, elas estão nas casas dos pais e aí muitas vezes não comem absolutamente nada.

Aliás, o sábado é o dia que elas tiram para fazer duas coisas: vão caçar e fazer a *feira* nas sedes municipais com os pais ou algum parente e amigo próximo da família. Este dia para as crianças (sábado) geralmente tem uma característica dramática, isto porque as crianças menores, que ficam em casa na companhia das mães, ou de alguém confiável da família, quando observam seus pais saírem e sabem que estão indo à feira pedem que trouxessem algum presente (brinquedo). As meninas, como são universais, quer que os pais comprem uma boneca e os meninos, uma bola. Também há presentes inusitados. Há muitos meninos que pedem uma *baladeira*⁷ para fazer suas caças aos sábados, quando não estão na roça e quando não estão nas feiras. Nos sábados as crianças apresentam-se com um sorriso no rosto justamente por este dia representar a elas uma sensação de liberdade exatamente por não terem que ir a escola e conseqüentemente por não serem obrigadas a fazer as atividades escolares. Aos sábados, as crianças querem brincar.

Não esquecendo a situação material da escola. Nota-se também o completo descaso com os recursos necessários para o seu devido funcionamento. No povoado rajas (Pinhão – Se), não há um telhado adequado. As escolas são construídas em lugares pedregosos de difícil acesso. Os professores que lecionam nestas escolas, geralmente residem na sede municipal, não são do povoado e não tem qualquer relação de pertencimento com a comunidade, o que acaba por serem vistos como pessoas estranhas. Sem mencionar o fato de que muitos prédios que recebem o nome de escolas, na verdade não passavam de casas velhas, abandonadas já num estágio avançado de deterioração.

⁷ Instrumento utilizado para caçar passarinhos e animais de pequeno porte. No Nordeste, mas, precisamente, no Sertão de Sergipe, Alagoas e Bahia, as crianças chamam-na de *balhadeira* (com **LH** na grafia), noutras localidades, é chamado de Estilingue, dentre outros.

As carteiras são impróprias aos alunos, quando quebram, ou se perdem ou são consertadas por algum membro da comunidade, que comumente trabalha em serviços ocasionais de carpintaria. É o que nos foi revelado por um pai de aluno em março de 2007, diz ele: *“trabalho a semana inteira em Aracaju. Quando estou em casa nos fins de semana me chama a diretora da escola para consertar as carteiras quebradas”* Não é difícil também, nestes povoados, notar nas casas das pessoas, materiais que são das escolas. Isto é prática tão corriqueira que ninguém se importa mais, disse uma mãe de aluno, (2007).

Nos dias de verão (estação seca), quando o calor chega quase à medida do insuportável, aí é que a situação se revela dramática. Falta água e muitos pais não levam os filhos para as escolas. Na outra extremidade, a escola não dispõe de condições de funcionamento isto porque se já é difícil com água, sem água o trabalho é praticamente irrealizável. Como se trata de uma região bastante seca, outros inconvenientes também não podem ser omitidos, como: a intensa e grande quantidade de poeira trazida pelo vento. A escola em determinadas comunidades, é construída próxima a estradas por onde passa o gado, os carros, os viajantes e, obviamente os alunos, ficando bastante empoeirada, o que contribui muito com a dispersão da poeira pelos ares, sobretudo, quando o calor é intenso e torna o ar mais leve.

Nos dias de inverno - ou na estação chuvosa – o problema é a lama que se acumula nas estradas que antes eram empoeiradas. As crianças chegam com os pés repletos de lama. Como não há água devidamente tratada, as comunidades usam a água disponível em açudes, córregos, riachos e rios, além dos reservatórios feitos na própria residência. As escolas, quase sempre possuem – quando possuem – um único funcionário responsável pela limpeza, este funcionário é, na maioria das escolas, uma senhora com idade entre 30 e 55 anos. Corroída pelo tempo e pela dureza do trabalho na roça, esta senhora já não reúne as condições necessárias para executar as tarefas diárias que exigem força e compreensão de que a escola precisa está limpa para as crianças. O resultado é que, mesmo ela realizando o trabalho de limpeza, as salas parecem sujas, os corredores sujos, o pátio sujo, os arredores tomados pelo mato, os banheiros sujos, a estética completamente oposta aos padrões de higiene mínima. Não é que a senhora não faça as coisas, ela faz. A questão é que na cabeça dela sujeira e limpeza podem ter o mesmo significado.

Transmitir saberes não é tarefa fácil sem as condições necessárias estabelecidas (Bernard, 1995). Essa é a realidade que as professoras-agricultoras encontram. Quando efetivamente entram na sala e pegam o lápis para escrever no quadro negro horroroso, danificado, com o reboco solto, há tempos sem passar por uma pintura e refletindo exatamente as condições do prédio, já se percebe que não há a menor possibilidade de haver ali qualquer aprendizado, mas, o que surpreende é a aptidão das crianças em aprenderem, cerca de 60% trazem as atividades prontas, outras não fazem porque estão trabalhando com os pais. Por sua vez, as professoras-agricultoras não parecem nunca cansadas pela dureza do trabalho, estão sorrindo, apresentam um humor incomum e incomensurável. Nunca, jamais lamentam a vida diante dos alunos. Na ausência das mães, elas se colocam como verdadeiras mães. Na verdade, elas são muitas vezes mães dos alunos. Se perguntado a qualquer aluno para que fale da professora, os depoimentos são inacreditáveis e formulam um verdadeiro manual com instruções e lições do que seja afeto e reciprocidade composta de carinho e extraordinária atenção. Uma criança de 12 anos disse: *“minha professora é tudo.”*

Ressalta-se outro fato importante para se levar em consideração, é a atitude solidária das professoras-agricultoras. As escolas, quase não tem bibliotecas e quando tem, estão em péssimas condições de funcionamento. Mas isto não é motivo para elas não realizarem uma tarefa proposta ou ensinarem aos alunos a pesquisa nos livros. Sem livros, elas trazem aqueles que elas possuem em suas casas, muitas vezes, são livros já ultrapassados, e, quando necessário, elas falam das informações retiradas dos livros alertando que muitas já não servem mais.

OS PROCEDIMENTOS UTILIZADOS PARA AS AULAS

O ritual diário é o mesmo: cansadas as professoras entram na sala. Lá estão seus alunos, os que moram próximos s escolas já as esperam; aqueles que moram distantes acabam de chegar; outros no caminho chegam depois. Elas pegam o apagador, limpam o quadro do dia anterior e põem as atividades que vão solicitar aos alunos. Ouvem algumas reclamações quanto à falta de alguns materiais para as crianças, entre eles lápis, canetas, cadernos. Um reclama da cadeira quebrada, outro fala que não está conseguindo enxergar absolutamente nada.

A aula de fato começa. Elas enfatizam que o assunto será trabalhado em equipe, pedem para que eles façam rodas, realizam brincadeiras para que as crianças interajam umas com as outras, inicialmente é uma algazarra e ninguém acredita que se trata de uma aula. Isto desafia todas as correntes pedagógica e certamente não se registra paralelo nas observações. Assuntos que a *priori* são considerados difíceis às crianças, elas conseguem transmitir com uma atenção incrível dos alunos.

A aula começa sempre alegre. Alegria não é falta de controle ou desobediência. Alegria para as professoras-agricultoras é a forma pela qual elas dispõem para superar os problemas vinculados à dureza diária. A brincadeira diária que as crianças mais gostam são aqueles mais tradicionais, isto para nós adultos, pois para as crianças isto não importa em nada. A dança de roda, o boi da cara preta, o lobisomem, atirei o pau no gato, o saci, dentre outras, as preferidas por todas as crianças. Mas é importante dizer: não adianta outros irem querer brincar com as crianças naquelas circunstâncias, elas não vão aderir, pois elas gostam de brincar com as professoras de suas vidas diárias.

Tudo a disposição delas é um recurso. Seja um pedaço de papelão, um pneu, um chifre-de-boi, um esterco, uma pedra, um passarinho no poste cantando, um sapo, uma vaca que cruza a estrada, a poeira, o vento a soprar nas árvores, o açude cheio com as chuvas de inverno, a raposa, os insetos comuns quando a chuva cai. As professoras-agricultoras sempre apresentam um recurso novo nas aulas – novo como ferramenta de ensino visto que como instrumento de brincadeira nas mãos das crianças, é coisa bastante conhecida e também não é nenhuma novidade – isto faz do trabalho delas uma fonte enriquecedora para novas experiências. Como definiu Marti (1853-1890) “Posto que a viver o ser humano, a educação há de prepará-lo para viver bem”.

As professoras-agricultoras nunca costumam desprezar as opiniões das crianças para as atividades dos dias seguintes. Confinado nelas, as crianças sabem que são escutadas e sabem também que, quando querem tem suas iniciativas postas como algo importante, o que para elas representa quase que afeto.

Deve-se ressaltar que outro ponto a ser considerado também é a divisão de tarefas que as professoras fazem entre as crianças. Às mais velhas, elas pedem que tragam os objetos mais pesados que vão ser utilizados nas aulas; as demais,

elas diversificam os objetos que vão ser úteis, ainda que as professoras saibam que não serão utilizadas, elas pedem para que todas as crianças tragam algo, pois, para as professoras, esta atitude representa na mente das crianças um sinal de aceitação e que para elas (as crianças) são importantes.

Freire (1998) argumenta que ensinar exige paciência. As professoras-agricultoras demonstram na prática isto. Quando as crianças apresentam quaisquer dificuldades, elas procuram saber quais são estas dificuldades e em seguida procuram encontrar alguma forma de transpor tais dificuldades. Geralmente, as crianças apresentam entre as dificuldades mais corriqueiras: falta de concentração que pode ser um sinal de má alimentação; pode ser um problema vinculado com a falta completa da visão; elas também investigam a situação dos pais e procuram saber se em casa as crianças são bem tratadas. Todas elas admitem que esta seja a mais difícil de todas as preocupações visto que correm o risco de adentrarem na vida das famílias, mas como todos os pais praticamente têm considerações de respeito com as professoras, que elas se sentem convidadas a prestarem ajuda às famílias. Outra vez faz-se necessário recorrer ao pensamento de José Martí, pois, segundo, ele: “Posto que a viver o ser humano, a educação há de prepará-lo para viver bem”. No dilema de ensinar e no ensino refletir a importância do educador, sobressai uma reflexão acerca do trabalho das professoras-agricultoras, como elas conseguem fazer isto? Aparentemente ninguém consegue responder, mas quando se vai adentrando na vida destas professoras, o que se percebe é que as suas aulas são continuidades não de seus trabalhos, mas de suas vidas.

Portanto, aquela sentença de Bauman (2000:17) ao enfatizar a “busca do espaço público” argumentando a respeito das pessoas que lutam por algo e exigem que alguma coisa mude, mas não sabem exatamente o que querem que mude não se anula, nessas circunstâncias, a determinação que lhes faz prosseguir. É esta a situação das professoras-agricultoras, elas sabem que, pelo lado externo da vida diária, tudo é difícil, mas não se sentem intimidadas, exatamente, porque sabem também que muita coisa para se transformar naquele cotidiano, depende delas.

O TRABALHO NO CAMPO: A CONSTRUÇÃO DE UM RITUAL

Quem exerce qualquer profissão e trabalhe no meio rural sabe que não é um trabalho fácil. Para as professoras-agricultoras não é diferente. As atividades rurais por, comumente, serem atividades que exigem dos que dela sobrevivem, esforços físicos não podem ser vistas como atividades simples. Isto não quer dizer que o trabalho no meio rural não seja por vezes um trabalho prazeroso gratificante. O é, mas o é também difícil e cansativo.

Se para Silva (1993) muitas questões voltam a ser discutidas no plano agrário, uma coisa é certa: a educação do ponto de vista do trabalho dos mestres não é alvo de qualquer iniciativa no sentido de melhorar a qualidade de vida das pessoas envolvidas com a educação do campo. A rotina das professoras-agricultoras no campo é a seguinte: ao retornarem da escola, depois de terem ido até suas casas e posto o almoço para os filhos, elas vão logo em seguida para a roça. Por volta das 14h00min, elas já estão preparadas para desempenhar as funções que o trabalho exige. É importante notar que o trabalho muda por causa das atividades que elas terão de realizar, mas também muda por conta dos períodos de chuva ou de seca (ou inverno e verão como elas costumam definir e dividir o ano meteorológico).

Em função das atividades, o trabalho muda quando um determinado serviço é concluído. Exemplo: assim que elas recebem a informação de que há terras para plantar, no caso daquelas que não possuem qualquer porção de terra, elas se organizam, com seus familiares se forem às professoras solteiras, e, com seus maridos, às casadas; e iniciam o ano-trabalho, que compreende o longo período de março a dezembro. Inicialmente, elas limpam o terreno com enxadas, arrancam topos de árvores, fazem as coivaras e arrumam os galhos que servem de lenha. Quando este serviço é realizado, estiver-se-se na estação seca onde a temperatura pode ultrapassar os 38 graus.

As dificuldades enfrentadas pelas professoras-agricultoras exprimem a determinação contida no pensamento de José Martí, quando enfatizando o papel do trabalho e da educação na formação do jovem, não enxerga uma supremacia de uma à outra, mas uma aproximação que se confirma na necessidade que se deve está presente na intenção daqueles que pregam a cidadania como modelo como um ponto chave a emancipação do homem.

Segundo José Martí:

Posto que a viver o ser humano, a educação há de prepará-lo para viver bem. Na escola se deve aprender o manejo das forças com que na vida se há de lutar. Em vez de escolas, deveríamos dizer oficinas. E se a caneta é o que deveríamos manejar nas escolas pela tarde, de manhã o que se deveria manejar é a enxada. (Jose Marti, 1853-1895)

Verifica-se que até que o terreno esteja totalmente pronto para receber as sementes, primeiro de milho e em seguida feijão, fava, algodão e outros, como: coentro, abóbora, quiabo, feijão-de-corda, maxixe. Alguns plantam também girassol, mais por ornamento do que por necessidade de consumir. A expectativa na colheita destes produtos é enorme. Os filhos das professoras-agricultoras, que de manhã já foram para a escola, à tarde, no período que não há provas na escola, acompanham-nas.

Os homens cuidam de fazer as coivaras, limpar o mato mais difícil, arrumar os galhos de espinhos, carregarem as pedras, que por ventura estejam entre as fileiras de milho. É papel também dos meninos protegerem os ninhos de passarinho que comumente são vistos no roçado e nas manhãs, quando não há aulas, eles vão pastorar⁸ a lavoura dos passarinhos. Essa atividade, as crianças gostam muito e muitas vezes quando perdem aula costumam dizer nas escolas que foram *pastorar* os passarinhos para que eles não comam o milho e o feijão que acabaram de nascer. Esse ritual é mais comum nos meses de março, abril, maio e junho. Como o ciclo das chuvas é neste período e varia muito dentro das microrregiões nordestinas, esse comportamento das crianças pode ser visto de abril a junho quando cessam as atividades de plantio no sertão. É importante frisar que são os meninos que fazem essa atividade no interior do Nordeste e também são eles que fazem as tarefas de caça quando realizam esses serviços.

As meninas cuidam de empacotar as sementes que são utilizadas nos dias de trabalho, é de responsabilidade delas, catar as sementes⁹, ou seja, escolher as melhores. Como as tarefas das meninas diferenciam, em alguns casos, muito das

⁸ Ritual desenvolvido pelas necessidades que os agricultores pobres do interior do Nordeste fazem quando chega o período das chuvas. No período das manhãs e das tardes, quando as aves estão voando em bando para levar comida aos filhotes ou alimentar a si próprias.

⁹ Catar as sementes. Pode parecer estranho, mas há em certas comunidades do interior do Sertão o costume de só levar para serem plantadas as sementes que tenham condições de germinar, o que faz com que elas selecionem, pelo processo de catação, as melhores. Esse processo pode demorar dias.

tarefas dos meninos, as mães professoras-agricultoras de certa forma 'honra' a tradição delegando às meninas as tarefas típicas que historicamente são desempenhadas pelas mulheres. É importante observar que nenhuma reflexão ou interrogação do feminismo faz sentido neste caso. Não se trata de forma alguma de uma exclusão social das mulheres representadas aqui, mas uma forma que as sociedades interioranas ao se organizarem escolheram este modelo. As meninas quando fazem trabalhos diferenciados dos meninos, fazem-nos sem o peso das obrigações contidas no ritual da própria subsistência. Ali, naquele meio ríspido, onde a natureza parece hostil e também acolhedora todos sabem que possuem funções diferentes e por isso mesmo desempenham com tanta alegria. Não que não haja dificuldades, há e elas são enormes, mas o que há também é a certeza de que trabalhando juntos todos ganham. O Trabalho das meninas nos meses de maio e junho quando a terra está florida é muito mais bonito que mil Drumond e mil Pessoas.

Quando se mergulha no universo das professoras-agricultoras descobrem-se outros universos como a tranqüilidade dos trabalhos no ambiente que poderia fornecer uma interpretação que levasse as conclusões contrárias e definitivas. As professoras não trabalham pouco na roça. A dureza do trabalho pode ser percebida nas mãos calejadas, nas unhas quebradas dos dedos dos pés e das mãos; o trabalho pode facilmente ser visto como difícil quando se presta atenção na pele enrugada, amorenada de mães que são brancas. No Sertão não há negros, há brancos que se transformaram em pardos, como a cor parda não é modelo para se classificar uma população não se pode dar credibilidade a este perfil. As mães sertanejas são, na maioria, mulheres brancas, e raríssimas vezes, são vistas também mulheres negras.

Os obstáculos que as professoras-agricultoras deparam-se também podem ser notados a partir das condições físicas de seus corpos quando se aproximam os dias em que se anunciam a chegada da velhice. Mas, parece contraditório, na medida em que o tempo vai passando, os anos difíceis de trabalho vão se revelando nas faces, entretanto se mostram também a capacidade de resistência que elas possuem e a noção de que o tempo não as faz perder a disposição de lutar até as últimas oportunidades, que a vida lhes oferece.

Benjamim (1936) argumentara que viver é resistir. As professoras-agricultoras não fazem outra coisa senão resistir. Elas resistem à seca generalizada que mata seus animais, afasta as crianças das escolas, petrifica os campos, arrasa os açudes, faz afugentar os passarinhos, destroem as folhas, os frutos, as sementes também não resistem. Elas resistem ainda às perseguições do poder quando não podem oferecer as crianças os estudos melhores e quando não podem falar basicamente nada. O silêncio delas é profundamente resistente. O silêncio delas é revolucionário. Quando as professoras-agricultoras ficam caladas, elas sabem que este é o melhor caminho para as crianças serem preparadas; quando as professoras-agricultoras permanecem caladas, elas sabem que esta é, naquele lugar, a melhor escolha e sabem também que estão sendo formadas pessoas que irão falar delas e por elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho numa região tão carente de tudo não é tarefa fácil. Agora imaginem este trabalho com a dimensão e a responsabilidade que as professoras-agricultoras possuem quando se dirigem à sala de aula e ali esperam por elas dezenas de crianças, filhas de agricultores que depositam nelas expectativas variadas.

A profissão de educador, numa realidade daquelas, exige além do que afirmou Freire (1998) paciência, mas também, coragem. Talvez a palavra coragem sintetize e simbolize as finalizações deste trabalho, entretanto, é válido refletir que as condições de trabalho enfrentadas pelas professoras-agricultoras refletem algumas questões dramáticas que o Brasil ainda não resolveu e que precisa organizar-se para resolvê-las. Dentre estas questões, aquelas que se aproximam do sentido da pesquisa são a educação, propriamente dita, e a problemática agrária que também se entrelaça nos problemas educacionais.

A educação, aparecendo como ponto fundamental neste trabalho, está presente nos dramas enfrentados ora pelos alunos, que não bastasse às condições de vida a que estão submetidas suas famílias, deparam-se com o descaso inerente à desorganização dos aparelhos administrativos que deveriam cuidar da educação. Nesses municípios, onde a pesquisa atinge a maior parte dos secretários sequer possui curso superior, quando possui concluiu de qualquer jeito numa destas

instituições de fim de semana. Não refletem a menor capacidade de conhecimento da pasta que administram e quando o fazem são desastrosos.

Percebe-se também que há aqueles que já possuem uma formatura superior, porém não é está vinculada a área que atuam. Houve no caso da educação, até professor de educação física, arquitetos, engenheiros dentre outros ocupando a pasta indevidamente. Cerca de 78% não fazem qualquer curso de reciclagem, repetem métodos ultrapassados de trabalhos, intolerantes e profundamente desorganizados.

Quanto ao mundo das professoras-agricultoras a situação é dramática. Ainda que nos orgulhemos com os trabalhos que elas fazem em sala de aula, não podemos deixar de pontuar aquelas situações que refletem o drama da educação no país. As professoras-agricultoras não possuem qualquer estímulo externo como salários compatíveis com a responsabilidade do trabalho, compensação pelos esforços, transportes para conduzi-las às escolas, conseqüentemente, a qualidade material de vida delas é inacreditável. Algumas moram em casas muito simples, tirando a televisão, a geladeira e a antena parabólica, que todo mundo possui, elas não tem mais nada. Os livros que tem para dar aulas são os didáticos das mesmas editoras, com os mesmos autores, que não trazem nada de novo. Descrevem realidades completamente diferentes daquela que elas enfrentam no dia-a-a-dia. Como a base do trabalho é o livro didático utilizado há anos (algumas o usam a mais de seis anos), elas não têm outras formas de auxílio no trabalho. É exatamente, neste ponto que entra a criatividade delas, descritas em linhas anteriores quando selecionam os recursos utilizados em sala de aula.

Outro drama que as professoras-agricultoras enfrentam são as perseguições políticas, fortemente representadas nas ameaças, tendo-as que seguirem uma única orientação político-partidária e, caso faça o contrário, sofrem represarias que vão desde as punições administrativas como suspensão de salários, com o corte do ponto, suspensão dos transportes, ao isolamento comunitário visto que os demais moradores, com medo de passar por constrangimentos, evitam dirigir a palavra para elas. Apesar de esta realidade ser combatida e em algumas localidades são completamente descartas, principalmente o interior sergipano, o que se percebe é que ela ainda é uma prática nos demais estados nordestinos. Obviamente não generalizado a todos os espaços municipais destes estados.

A face dramática da vida das professoras-agricultoras do sertão baiano e sergipano pode ser também analisada pela outra atividade que elas diariamente desempenham. O lado de agricultoras não é nada fácil. Elas são vítimas da brutal desigualdade social que assola o país e reflete nas condições de extrema pobreza que atingem aqueles que sobrevivem do campo, sem oportunidades, sem terem acesso aos direitos básicos feito água, alimentos e principalmente com seriíssimas restrições a terra. Nestas regiões, os latifúndios predominam e são fiscalizados por homens que são um misto de trabalhadores rurais com jagunços.

As roças em que as professoras-agricultoras trabalham são geralmente pequenos pedaços de terra comprimido entre as grandes propriedades. Quando elas não têm a terra, ou ficam sem fazer a roça, ou trabalham em propriedades de seus ex-patrões, ou fazem parte de um 'certo cadastramento' feito por grandes proprietários para 'dividir' a terra em lotes. O trabalhador como não tem condições alugar a terra, ou até mesmo comprá-la, aceitam o trabalho de parceria ou meeiros.

A situação a que está submetida os alunos das professoras agricultoras é a mesma que está submetida seus pais. As crianças têm de trabalhar na lavoura (roça), irem à escola, à feira vender os produtos colhidos no campo, à caça e etc. As atividades vinculadas à escola, muitas vezes, não são concluídas, embora chame atenção o desenvolvimento de algumas crianças, tanto por conta do tempo de aprendizado – aprendem a ler e a escrever muito rapidamente – como também pela força de vontade e pelo carinho que tem com as professoras.

Nota-se que outra dificuldade enfrentada pelas crianças é ocasionada pela não seriedade dos gestores públicos frente às iniciativas e questões educacionais. Isto pode ser facilmente constatado através das instalações físicas das escolas. Muitos estabelecimentos de ensino apresentam sérios problemas de infra-estrutura, falta de material escolar básico, sem falar da qualificação dos profissionais. Faltam-lhe pessoal de apoio; as secretarias não possuem coordenadores e o diretor é um apadrinhado político que jamais deveria estar ali; o vigia é alguém sem a menor possibilidade de trabalhar com crianças e as merendeiras é uma dona de casa que mesmo fazendo tudo com zelo, não tem qualquer auxílio para melhor manusear os alimentos que as crianças vão consumir no decorrer do período letivo. Isto se tiver merenda, porque senão tiver a merendeira transforma-se numa faxineira, simbolizando bem a cultura do improviso.

A importância das professoras-agricultoras para o desempenho das atividades educacionais em regiões carentes e complexas é vital. As sedes municipais distantes de alguns povoados tornam o custo de se estudar elevado para os padrões de municípios com sérias dificuldades administrativas. Elas também são importantes por constituírem-se, ainda que de forma precária, em agente de transmissão de conhecimento, o que acaba por melhorar mesmo que imperceptível, a qualidade de vida das famílias. Outro fato relevante é que sendo as crianças educadas por pessoas das próprias comunidades, elas não terão como fugir dos vínculos comunitários o que acaba por ser um dado interessante na medida em que nos tempos de globalização e crise de identidade pelo menos isto a *priori* permanece seguro.

BIBLIOGRAFIA

Benjamim, Walter. **A obra de arte na Época de Suas Técnicas de Reprodução.** In: coleção os pensadores, São Paulo: brasiliense, 1980.

Bernard, D. et al. **Le Film dans Le Cours d'histoire/Géographie**. Paris: A. Colin, 1995.

Canclini, Nestor García. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Ed. Da USP, 2000

Foucault, Michel. **Microfísica do Poder**. 13ª edição. Editora. Graal. Organização e Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro. 1998.

Freire, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**.

Mannheimn. Karl, **Ideologia e Utopia**. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1968.

Marcuse, H. **Cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____ **Ideologia da Sociedade Industrial**, ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1967.

Reclus, Élisée. **Série Grandes Cientistas Sociais**. (org) Manuel . Correia de Andrade e Florestan Fernandes. F. editora Ática, São Paulo, 1985.

Ribeiro, Darcy. **O povo brasileiro**. SP: Companhia das Letras, 1995.

Santos Milton. **Técnica, Espaço e Tempo**: Hucitec, São Paulo, 1994.

_____ **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____ **Por Uma Outra Globalização** (do pensamento único à consciência livre à Consciência Universal). Ed. Record, São Paulo, 2000.

Sartre. Jean-Paul. **L'Existencialisme et H'umanisme**. Paris. 1939.

_____ **L'imagination (A imaginação), ensaio filosófico - [1936](#)**.

_____ **La transcendance de l'égo (A transcendência do ego), Ensaio filosófico - [1937](#)**.

_____ **La nausée (A náusea), romance - [1938](#)**.

_____ **Le mur (O muro), contos - [1939](#)**.

Silva, José Graziano da. **O que é Questão Agrária**. Coleção primeiros passos, editora brasiliense, São Paulo, 1993.

Sócrates. Coleção **os Pensadores**. Ed. Nova Cultural. São Paulo. 1996.

Sócrates: **Pensamento Vivo. Homem Conhece-te a ti mesmo**. Ed. Martin Claret. São Paulo. 2004

Stevens. Berry. **Não Apresse o rio. Ele Corre Sozinho**. Editora: círculo do livro s/a. São Paulo. 1970.

Togliatti, Palmiro. **Socialismo e Democracia**, ed. Muro, Rio de Janeiro, 1980.

Trotsky, Leon, **Moral e Revolução** , ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1969.

Tuan, Yi Fu, **Tophophilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do meio Ambiente**. Rio de Janeiro: Difel, 1980.

_____ **Geografia Humanística. Perspectivas geográficas**. Difel, São Paulo, 1982.

_____ **Espaço e Lugar: A perspectiva da Experiência.** Difel, Rio de Janeiro. 1983.